Regina Rossetti

Professora na Universidade Paulista, líder do Grupo de Pesquisa Pensamento e criação na Comunicação.

Elias Estevão

Goulart

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, líder do Grupo de Pesquisa Estudos das Tecnologias da Informação e Comunicação.

Materialidade da comunicação e da mídia em Bergson e McLuhan

Materiality of communication and media in Bergson and McLuhan

La materialidad de la comunicación y los medios de comunicación en Bergson y McLuhan

RESUMO

Este estudo parte da premissa de que a comunicação necessita da matéria para realizar-se. Essa materialidade exigida pela comunicação está no corpo, no som, na imagem, nos artefatos, nos meios e, notoriamente, nos suportes materiais das mídias. O objetivo deste artigo é apresentar uma abordagem teórico-epistemológica sobre a materialidade da comunicação e da mídia a partir das confluências entre o pensamento de Bergson e McLuhan e localizar a dimensão social e cultural da mídia como dependente dessa materialidade. Apresenta ao leitor as finalidades, metodologia, resultados e conclusões do artigo.

Palavras-chave: materialidade da comunicação; mídia; Bergson e McLuhan.

ABSTRACT

The initial assumption is that communication demands something material in order to take place. The materiality required for communication is in body, sound, image, artifacts, the media itself and, specially, the material supports for media. The objective of this paper is to present a theoretical-epistemological approach to the materiality of communication and media from the confluences between Bergson and McLuhan's thoughts and locate the social and cultural dimensions of media as dependent on this materiality. It presents the reader with the paper's objectives, methodology, results, and conclusions.

Keywords: materiality of communication; media; Bergson and McLuhan.

RESUMEN

En este estudio se asume que la comunicación requiere de la materia para se realizar. Esta importancia exigida por la comunicación está en el cuerpo, el sonido, la imagen, los artefactos, los medios de comunicación y, notoriamente, los suportes materiales de los medios de comunicación. El objetivo de este trabajo es presentar una aproximación teórica y epistemológica a la materialidad de la comunicación y los medios de comunicación a partir de las confluencias entre el pensamiento de Bergson y de McLuhan y ubicar la dimensión social y cultural de los medios de comunicación como dependiente de esa materialidad. Introduce al lector a los objetivos, metodología, resultados y conclusiones del artículo.

Palabras clave: materialidad de la comunicación; media; Bergson y McLuhan.

Submissão: 06-06-2015

Decisão editorial: 20-02-2017

Introdução

Nas abordagens teóricas do tema da materialidade, feitas no campo de estudos da Comunicação (FELINTO, 2001; SILVEIRA, 2003; PEREIRA DE SÁ, 2004; HANKE, 2006; LEMOS, 2010), são recorrentes as referências à “teoria das materialidades da comunicação”, de Gumbrecht e Pfeiffer (1994). Entretanto, esta é apenas uma das teorias dentre aquelas que podem servir de base para uma reflexão epistemológica acerca da materialidade da comunicação e das mídias. Neste sentido, o objetivo deste artigo é apresentar uma abordagem teórico-epistemológica sobre a materialidade da comunicação e da mídia a partir do pensamento do filósofo francês contemporâneo Henri Bergson e suas proximidades com o pensamento do teórico da comunicação canadense Marshall McLuhan. Tanto a proposta bergsoniana como a mcluhaniana podem ser compreendidas como dualistas, pois, ao tratarem da materialidade, colocam-na como a extensão de algo, ou seja, como apenas uma parte e não como a totalidade.

Esse objetivo encontra sua justificativa nas vantagens epistêmicas de se apresentar diversos enfoques teóricos para se alcançar uma compreensão mais ampla e, ao mesmo tempo, mais profunda acerca de um tema de interesse para os estudos em Comu-

nicação, como é o caso da materialidade pressuposta por todo ato de comunicação. Pereira de Sá, ao buscar um olhar ampliado sobre o assunto, afirma que é preciso “reconhecer que também inúmeras e persistentes são as abordagens sobre a materialidade da comunicação, tornando descabida a referência a um grupo como porta-voz desta perspectiva” (PEREIRA SÁ, 2004, p. 42). Silveira destaca a importância de Benjamin e McLuhan para a teoria da materialidades na Comunicação: “o interesse pela corporalidade e pela *fisicalidade* dos suportes midiáticos parecia já haver se insinuado, por exemplo, em Benjamin (no debate sobre a *reprodutibilidade técnica*), ou mesmo, e talvez mais fortemente, em McLuhan” (SILVEIRA, 2003, p. 96). Talvez a novidade deste estudo seja a explicitação das convergências epistemológicas entre a teoria dos meios, de McLuhan, e a abordagem metafísica da matéria, de Bergson.

André Lemos assim resume “a teoria das materialidades” formalizada por Gumbrecht

o conceito de materialidades visa tratar as mídias para além de uma hermenêutica da comunicação. A teoria parte do princípio que toda forma de comunicação é feita a partir de suportes materiais. Estes devem ser analisados antes de serem interpretados ou abstraídos de suas características materiais. (LEMOS, 2010, p. 14).

Mesmo fazendo uma crítica à hermenêutica, a teoria das materialidades da comunicação não propõe excluir a interpretação hermenêutica do processo comunicacional; tal exclusão significaria trocar um sistema totalizante por outro, o que não é o caso. Trata-se de questionar a primazia do espírito sobre a matéria, típica das tradicionais visões dualistas, e

propor que a materialidade da comunicação seja analisada a partir de si mesma, antes da interpretação que busca seu sentido.

Para Felinto, essa reflexão pressupõe que todo ato de comunicação exige um suporte material para se efetivar e, ao tratar dessa “teoria das materialidades”, afirma que “ela não foi ainda capaz de superar a dicotomia espírito-matéria, que pode sempre reaparecer por trás da ideia da acoplagem entre sistemas ‘espirituais’ e ‘materiais’” (FELINTO, 2001, p. 15). Afirma ainda que Gumbrecht, ao criticar o chamado “campo hermenêutico”, indica que ele possui quatro premissas fundamentais: o sujeito que atribui sentido às coisas; a distinção radical entre corpo e espírito; o espírito cria e conduz o sentido; o corpo serve apenas como instrumento secundário.

Essas quatro premissas podem por sua vez ser traduzidas na relação que, nos atos interpretativos, articula a dicotomia superfície e profundidade. O gesto hermenêutico se baseia na ideia de que uma superfície (corpo, texto, materialidades) atua como simples instrumento de expressão de um sentido que deve ser encontrado na profundidade (espírito, significado, imaterialidade) de um ente espiritual. Dado que a expressão revela-se sempre como insuficiente em relação ao espírito, surge a necessidade da interpretação. (FELINTO, 2001, p. 10).

Em certo sentido, o pensamento de Bergson pode ser alocado dentro desse “campo hermenêutico”, pois explica a realidade a partir da dicotomia espírito-matéria e compreende ontologicamente o processo de comunicação a partir da distinção entre a superfície e o profundo. E, em certo sentido, McLuhan inspirou-se no esquema proposto por Bergson para intuir que os meios são extensões do homem.

Aproximações entre os pensamentos de McLuhan e Bergson a respeito questão da materialidade

Em seu livro, *Os meios de comunicação como extensões do homem*, McLuhan (2004) faz menção direta ao filósofo francês Henri Bergson. Alguns estudiosos afirmam que o pensamento bergsoniano foi fundamental para a concepção da ideia central desta obra: os meios de comunicação são extensões do homem, na esteira da intuição bergsoniana de que a matéria é extensão do espírito. Richard Cavell (2003, p. 255) diz que: “É razoável supor que McLuhan tenha encontrado, originalmente, o conceito [da tecnologia como extensão do homem] em Bergson”. E Flayhan (2005, 242), ao tentar explicar a forte dose de vitalismo romântico no trabalho mais tardio de McLuhan, afirma que suas epifanias precisam ser entendidas à luz da influência do filósofo francês Henri Bergson.

A filosofia bergsoniana define matéria e espírito como duas direções contrárias de um mesmo e único movimento universal. Em um extremo, como o grau mais intenso de contração desse movimento total, há o espírito. No outro extremo, como seu grau máximo de distensão, está a matéria. Para Bergson (1971, p. 222) “matéria é um afrouxamento do inextenso em extenso”. Como em uma escala contínua, indo de um extremo a outro do movimento da existência, seria possível acompanhar em uma direção a materialização do espírito e, invertendo o processo, acompanhar em outra direção a espiritualização da matéria. “Assim, no fundo da ‘espiritualidade’, por um lado, e por outro, no da ‘materialidade’ com a intelectualidade, haveria dois processos de direção oposta, e passar-se-ia do primeiro ao segundo por

via de inversão" (BERGSON, 1971, p. 208). Próximo ao espírito puro há a Consciência em Geral, a vida, a consciência psicológica, o pensamento, a intuição. Próximo à matéria pura, há o mundo físico, o corpo, os instrumentos, a inteligência, a linguagem, como se fossem extensões materiais do espírito.

Nesse sentido, a função da matéria é dar materialidade ao espírito e, assim, tornar visível aquilo que, em princípio, é invisível porque totalmente imaterial. Usando uma metáfora para explicar a dicotomia espírito/matéria, Bergson recorre à imagem do redemoinho de vento no qual distingue o movimento do turbilhão, da poeira que ele levanta e faz girar: "um turbilhão de certa forma particular, só se torna visível aos nossos olhos pelo que levantou em seu caminho, não é menos verdade que outras poeiras poderiam também ter sido levantadas e seria ainda o mesmo turbilhão" (BERGSON, 1984, p. 58). A poeira representa a matéria e o movimento do turbilhão representa o espírito. O redemoinho somente pode ser visto por meio da poeira que ele levanta, isto é, a matéria dá visibilidade às ideias, intenções e intuições do espírito. Essa visibilidade torna possível a comunicação daquilo que vem do espírito, sem a materialidade não haveria comunicação. Outro aspecto interessante é que essa poeira, que dá visibilidade ao vento, é localizada espacial e temporalmente. Ou seja, a materialidade da mídia é dependente da época histórica e das condições culturais de seu tempo. Assim, ela não é capaz de determinar a intuição original da mensagem, que é dada pelo espírito; apenas define sua visualidade e propicia sua comunicação.

McLuhan (2005, p. 97), ao falar de Bergson, diz que o filósofo francês pertence a uma tradição de

pensamento que considera a língua uma tecnologia humana que acabou por debilitar os valores do inconsciente coletivo. O teórico canadense está fazendo menção à ideia bergsoniana de que a linguagem, como instrumento de exteriorização e materialização do espírito, acaba por ser mais restrita do que a intuição puramente espiritual no pensamento. Segundo McLuhan, a fala, mesmo sendo debilitante, é uma projeção do homem e permite ao intelecto humano destacar-se da vastidão do real. Tem-se aqui outra referência a Bergson que, em seu mais famoso livro, *Evolução criadora* (1971), traça a trajetória de surgimento e evolução da inteligência e, colada a ela, da linguagem. Segundo McLuhan, para Bergson a inteligência humana, sem a linguagem, permaneceria envolvida nos objetos a que se dirige, ou seja, a linguagem separa o homem do mundo ao mesmo tempo em que o projeta nele. "A linguagem é para a inteligência o que a roda é para os pés, pois lhes permite deslocar-se de uma coisa a outra com desenvoltura e rapidez, envolvendo-se cada vez menos" (MCLUHAN, 2005, p. 97).

Para McLuhan (2005, p. 97), "a consciência coletiva e o conhecimento intuitivo ficam diminuídos por esta extensão técnica da consciência que é a fala". Para Bergson, ao se exteriorizar em palavras, muito da intuição original se perde no processo; consequentemente, a expressão é sempre mais pobre do que o pensamento. A linguagem projeta e amplia o homem, mas também o separa daquilo que McLuhan chama de inconsciente coletivo, Bergson (1984, p. 126) chama de Espírito ou Consciência em Geral e Deleuze (1989, p. 103) chama de Todo Virtual. A inteligência e a fala separam o homem do Todo e essa separação

é descrita por Bergson (2005) como um processo de exteriorização da Consciência em Geral, que na forma de Élan vital adentra a matéria para fazer surgir a vida. Tanto para Bergson como para McLuhan, a linguagem é entendida como extensão, manifestação ou exposição de todos os nossos sentidos e nos distingue da criação animal. Por estar totalmente integrado à natureza, o animal não se separa do todo no qual está imerso. O ser humano, por meio da inteligência e da linguagem, separa-se da natureza e cria novos modos de vida e de cultura.

Ao tratar da então nova tecnologia elétrica, McLuhan afirma que ela projeta sentidos e nervos num amplexo global e tem grandes implicações em relação ao futuro da linguagem que se tornaria muito menos dependente da palavra. Por sua vez, Bergson propõe o uso de imagens e metáforas como meios de superação das restrições das palavras e dos números. Uma linguagem imagética e metafórica é capaz de comunicar a intuição do espírito e ampliar a consciência rumo a uma visão da totalidade.

A tecnologia elétrica necessita tão pouco de palavras como o computador digital necessita de números. A eletricidade indica o caminho para a extensão do próprio processo da consciência, em escala mundial e sem qualquer verbalização. Um estado de consciência coletiva como este deve ter sido a condição do homem pré-verbal. A língua, como tecnologia de extensão humana, com seus conhecidos poderes de divisão e separação, deve se haver configurado na torre de Babel pela qual os homens procuraram escalar os céus. Hoje os computadores parecem prometer os meios de se poder traduzir qualquer língua em qualquer outra, qualquer código em outro código – e instantaneamente. Em suma, o computador, pela tecnologia, anuncia o advento de uma condição pen-

tecotal de compreensão e unidade universais. O próximo passo lógico seria, não mais traduzir, mas superar as línguas através de uma consciência cósmica geral, muito semelhante ao inconsciente coletivo sonhado por Bergson. (MCLUHAN, 2005, p. 97).

Para a nova metafísica bergsoniana, a única forma de conhecimento capaz de nos dar a essência da realidade é a intuição, precisamente porque segue seus contornos móveis, aderindo precisamente a eles. Entretanto, essa intuição em sua pureza não pode ser expressa por meio de símbolos, conceitos ou palavras, pois todas essas representações simbólicas remetem a uma forma de expressão exterior e fixa, e a intuição, por sua vez, é sempre interior e móvel. Essa impossibilidade de expressar adequadamente aquilo que é captado pela intuição, por meio de conceitos, faz surgir um dos problemas mais instigantes da filosofia intuitiva: o problema da comunicação da intuição. Bergson aponta para uma possível saída sugerindo outro caminho: a utilização de imagens e metáforas para exprimir a intuição da realidade movente. Isto porque a metáfora não se fixa em um significado único, mas transmigra-se por várias significações, acompanhando as oscilações do real. Bergson considerou essa comunicação impossível por meio da linguagem conceitual que solidifica no conceito a fluidez da realidade movente – fluidez que poderia ser sugerida por metáforas e por imagens, que por serem modos de expressão móveis em seu significado, poderiam acompanhar o devir contínuo da realidade e, assim, comunicar a intuição que se pode ter desse devir.

No alicerce dessa explicação do processo comunicacional está uma concepção de realidade que compreende a existência como uma totalida-

de. Comunicados na base ontológica de seus seres, chamada por Deleuze (1989, p. 103) de *Todo Virtual*, e separados na superfície material de seus corpos individualizados, os seres humanos buscam completar na superfície a junção essencial que existe no fundamento primordial. Dessa busca incessante de reintegração surgem todos os intentos de comunicação social. Os indivíduos, distintos e separados, intuem sua integração interior e estranham a não comunicação exterior. Para harmonizar a exterioridade com a interioridade criam maneiras de se comunicar e se reintegrar. O resultado é a variedade de modos, formatos, intensidades e *nuances* quase infinitos dos processos de comunicação existentes. Comunicação é uma necessidade ontológica, um impulso essencial de um ser que se entende separado do todo. Mas essa separação é aparente porque se detém na superfície dominada pelo espaço e pela matéria, e quando, por um esforço de intuição, o espírito volta-se a si mesmo, reconhece, na interioridade, a interação ontológica original intacta.

A materialidade da mídia

Narciso foi um jovem com beleza incomparável, segundo a mitologia grega, proveniente do casamento de um deus com uma ninfa. Ele teria uma longa vida desde que nunca visse sua imagem refletida em um espelho. Por este motivo, tornou-se um indivíduo egocentrado que não se deixava levar pela paixão por outro. Esta falta de interesse acabou por despertar a ira das jovens pretendentes que cobraram providências de Nêmeses. O deus agiu para que Narciso, ao descansar à beira de um rio, pudesse observar seu reflexo na água, e, sem conseguir se desvencilhar do

encanto, apaixonou-se por sua própria imagem e, hipnotizado por ela, lançou-se em direção à própria imagem e morreu afogado no rio. Em uma analogia entre o mito de Narciso e o fascínio do homem por suas extensões, McLuhan (2005) observa que o reflexo visualizado por Narciso na água era uma extensão de si mesmo em outro meio, o que causou um efeito narcotizante de falsa identificação. Para o autor,

A extensão de si mesmo pelo espelho embotou suas percepções até que ele se tornou o servomecanismo de sua própria imagem prolongada ou repetida. [...] Ele estava sonado. Havia-se adaptado à extensão de si mesmo e tornara-se um sistema fechado. (MCLUHAN, 2005, p. 29).

Nesse sentido, o reconhecimento de si mesmo é a informação trazida pelo suporte que dá existência ao significado. Mídia, então, pode ser compreendida como o meio, cujo suporte material, ou, em última instância, a matéria, consubstancia a comunicação. A água, que no caso reproduz sua imagem, pode ser compreendida como a televisão, que carrega a imagem dinâmica e sonorizada, ou a Internet, que transporta informações e amplifica a reciprocidade nas relações humanas; são exemplos de mídias capazes de dar vazão aos pensamentos, anseios e vontades formados no interior do espírito humano e que se materializam no mundo físico.

A mídia, como suporte material da comunicação, tem sua história de apropriação, conforme destacado por Finnemann (2001), dividida em fases ou épocas culturais diferentes caracterizadas, inicialmente, pela transmissão oral das informações em relatos reais ou imaginários. Posteriormente, com o advento

da escrita nos diferentes materiais (placas de argila, cobre, papiro, papel), as sociedades se organizam com sua comunicação sustentada neste meio. A evolução tecnológica produz a prensa e a decorrente disseminação de informações impressas por meio de livros, revistas, jornais etc. A mídia eletrônica analógica, por sua vez, potencializa profundas mudanças na vida social, na sua forma de organização cultural e atividades; finalmente, a época da mídia digital, amplia significativamente os padrões de comunicação, de comportamentos e interação entre as pessoas, e entre elas os sistemas de suporte às comunicações individuais e grupais. A mídia digital introduz uma complexidade maior na conceituação da temática da materialidade da comunicação, uma vez que nem sempre a associação ao 'material' se dá de forma visível e qualificada, uma vez que a manipulação de *bits* é intangível. Portanto, cada uma das épocas destacadas apresentou características próprias que podem ser analisadas de acordo com critérios de localidade, de momentos temporais nas relações de comunicação, nos formatos e recursos de manipulação simbólica, nas formas de produção, armazenamento, distribuição da informação etc.

A essência a ser comunicada, a mensagem entre os indivíduos, requer sua representação em códigos e sua apresentação por meio de uma mídia capaz de assegurar sua transmissão e adequada recepção. Como menciona Calazans (2008),

Parto da definição de mídia como qualquer meio de comunicação, tudo aquilo que serve como transporte ou suporte de sinais, de mensagens. Para tanto, considero mídia o som da voz, a parede pintada da

caverna, os aparelhos de rádio e tv, a folha de papel, a tela deste computador, uma camiseta serigrafada, um gesto obsceno no trânsito.

A mídia substancia-se na matéria, seu pressuposto existencial. Isso acontece não apenas por meio dos átomos, mas se significa como mídia quando retém a propriedade de realizar o processo comunicativo, carregando os códigos pelos quais a mensagem será compreendida. Um CD-ROM será mídia enquanto carregar os bits da estrutura representacional neles embutido e não necessariamente quando colado na traseira de um caminhão como elemento decorativo. As ondas sonoras que transportam a fala compõem a mídia das relações entre comunicadores próximos, enquanto os produtos impressos aproximam pessoas ao longo de lugares e momentos diferentes. As tecnologias eletrônicas são mídias que aproximam as pessoas em vários graus de percepção, contato direto e possibilidades de reciprocidade.

A palavra mídia tem recebido diferentes significados, dependendo, inclusive, das áreas do conhecimento em que é empregada. Em linhas gerais, as interpretações podem ser classificadas, segundo Steinmetz e Nahrstedt (2002), como:

- a. mídias de percepção: compõem os órgãos sensoriais humanos, por meio dos quais se captam as informações do mundo ao redor, ou seja, pela visão, olfato, tato, audição e paladar;
- b. mídias de representação: referem-se à forma como as informações são codificadas, que no caso das tecnologias digitais seriam os textos, as imagens, vídeos etc.;

- c. mídias de apresentação: referem-se aos dispositivos de interface empregados para se ter acesso à informação, como monitores, caixas de som, teclado, dentre outros;
- d. mídias de armazenamento: dispositivos onde as informações codificadas podem ser armazenadas, inclusive diferenciadas pelas tecnologias em que eles operam, como discos magnéticos, ópticos etc.;
- e. mídias de transmissão: os meios físicos empregados para a transmissão das informações, como fibra ótica, ondas de rádio etc.

Deste modo, o termo mídia carrega o sentido de materialização, de constituição de algum tipo de suporte por meio do qual a informação comunicada possa ser apreendida pelos indivíduos. A matéria em si não é mídia, mas nela se transforma ao sustentar um processo de comunicação, ao subsidiar o movimento da ideia, do pensamento interior do ser humano até sua percepção significada em um código presente na realidade física. A mediação da comunicação está na direção da materialização do processo comunicativo. As mídias condensam a abstrata volição humana do contato com o outro, da desejada relação de comunicação que permeia as trocas de conhecimentos entre indivíduos, produzindo o aprimoramento do ser, a ampliação de suas capacidades. Por meio das mídias, em sua consecução material e representativa, o movimento informacional da vida se realiza e significa, configurando a base para os intercâmbios, para a reciprocidade nas atividades, a construção do social.

No pensamento do filósofo Bergson, é possível encontrar uma ontologia que fundamenta esta visão da

dimensão material e social da mídia. Trata-se da ideia de que o processo de comunicação inicia-se na intuição puramente espiritual, segue pela mediação da imagem mediadora e da linguagem para, então, ser comunicado socialmente, por meio da mídia com seu suporte material. O que se vê é um processo de materialização progressiva da intuição puramente espiritual (BERGSON, 1990) no intuito de torná-la visível. Trata-se de um processo de exteriorização e materialização da intuição que não para na linguagem, mas continua na mediação com sua dimensão fortemente material. Em termos bergsonianos (BERGSON, 1988), o eu superficial, que é o eu social e falante, para dar passagem à intuição que surge em seu eu profundo, relaciona-se com a exterioridade e necessita, assim, da matéria para expressar-se e comunicar-se com o outro. O processo iniciou-se na intuição pura, passou pela mediação da imagem mediadora e da linguagem e encontrou maior materialidade na mídia.

No pensamento bergsoniano, a comunicação social seria um grande esforço de reintegração para suturar uma fratura que ocorreu na superfície. Como um único e grande movimento de reintegração, a comunicação teria duas direções contrárias, uma no sentido do espírito e outra no sentido da matéria. Na direção do espírito estaria a intuição e na direção da matéria, a mediação. A intuição, existindo na direção do espírito, implica a comunicação da intuição pura que passa pela mediação da imagem mediadora e da linguagem. A mídia, existindo na direção da matéria, implica o suporte material capaz de dar passagem ao conhecimento intuído em direção ao social. Processos conexos que engendram e possibilitam as capacidades humanas na perspectiva da

materialização de seu espírito com vistas à comunicação social. Nesse sentido, a mídia tem uma função social clara.

A dimensão social e cultural da mídia dependente da materialidade

A mídia é material por natureza e visa facilitar a comunicação social. Trata-se neste momento de destacar a dimensão social e cultural do processo de mediação da comunicação que necessita de aparatos materiais e exteriores para se realizar. Esta perspectiva postula que a mídia assume importância vital nas sociedades, capaz de modificar a vida cotidiana das pessoas, não somente em termos dos conteúdos e formas de comunicação, mas pelos processos de apropriação e mudanças nas relações culturais. Os indivíduos escolhem suas formas de comunicação e, por meio delas, podem assumir novos papéis e se comunicar de maneira inovadora. A mediação, então, pode ser entendida como o processo de construção e utilização das mídias para os propósitos de comunicação requeridos entre os indivíduos. A vida social é mediada, constituída pela complexa comunicação de signos que se realizam nos mais diferentes suportes materiais.

O estudo da mediação tem surgido como um novo *framework* para a análise e melhor compreensão das questões fundamentais do papel e influência das mídias na cultura e na sociedade. Em geral, a mediação denota o processo sociocultural por meio do qual uma determinada área ou instituição, em certos aspectos, torna-se dependente da lógica da mídia (HJARVARD, 2011). Os estudos a respeito da mídia podem ser categorizados, basicamente, em

dois aspectos: por um lado, o que a mídia faz com as pessoas; por outro, o que as pessoas fazem com a mídia. A primeira abordagem, um dos mais antigos paradigmas dos estudos midiáticos, visa estudar os efeitos das mídias nas atitudes e no comportamento das pessoas, seja em termos individuais ou coletivamente. Por exemplo, tem-se a vasta quantidade de pesquisas sobre os efeitos da televisão via publicidade na vida dos consumidores. Na segunda abordagem, as pessoas fazem uso das mídias para seus diversos objetivos, o que pode ser exemplificado pela direta participação das pessoas nas redes sociais virtuais.

A despeito das valiosas contribuições advindas dos estudos capitaneados por estas abordagens nos estudos das mídias, elas as analisam como fatores quase independentes, conceitualizando-as separadamente da sociedade e da cultura. Adversamente, os estudos sobre a midiatização partem do pressuposto de que este é um processo constituído, fundamentalmente, pelas interações e transações entre os diversos atores e as estruturas sociais e culturais, conforme aponta Hjarvard (2011).

A midiatização inclui e transcende os efeitos da mídia, sendo um conceito mais abrangente e complexo. Ela se fundamenta na função integradora das tecnologias pela possibilidade de redução das distâncias espaço-temporais, em sua função semiótica pela codificação e formatação das mensagens de maneira adequada para a percepção e processamento das informações pelos indivíduos, bem como por sua função econômica de padronização dos produtos na 'mídia de massa' advinda da estruturação dos processos produtivos associados, conforme postula Schulz (2004). A midiatização habilita a elaboração

de processos comunicacionais em diferentes contextos e inter-relações entre as mídias, a sociedade e a cultura. Os elementos musicais regionais, as festas religiosas em determinadas épocas, os processos formais de educação nas escolas, são alguns exemplos de contextos culturais dependentes do uso das mídias. A midiaticização, assim, habilita a construção da trama social propiciando a disseminação de conhecimentos, de afazeres, de práticas culturais e ocorrências que podem moldar as sociedades e suas formas de vida. As mídias, portanto, fazem parte da realidade vivenciada pelos indivíduos ao longo de sua existência. Já se estabeleceu que o ser humano é um ser social, de forma que a vida em comunidades e as interações que ali se estabelecem são, necessariamente, resultado dos processos comunicacionais, os quais são mídia-dependentes.

A midiaticização da sociedade é um processo complexo de apropriação e uso dos recursos e produtos em suportes específicos que potencializam mudanças ao longo do tempo, dos lugares e estratos socioeconômicos. Pode-se caracterizar a relação entre a mídia, genericamente falando, e a sociedade sob alguns aspectos, conforme menciona Shulz (2004). Primeiro, as mídias estendem os limites naturais das capacidades de comunicação humana, por exemplo, reduzindo as distâncias espaciais e temporais, bem como as próprias limitações nas codificações. Em segundo lugar, ela substitui parcial ou totalmente atividades ou instituições sociais, como deixar de ir ao banco por usar o *Internet banking*. Em terceiro lugar, as mídias podem fundir atividades que não eram, *a priori*, a elas relacionadas, por exemplo, dirigir um veículo ouvindo rádio. Por último, as mídias passam a

deter importante papel no desenvolvimento social, na medida em que as atividades associadas participam ativamente nas relações e na geração de riquezas, como nos postos de trabalho gerados, no seu emprego disseminador de informações, na política, esportes etc.

A despeito da conotação tecnológica, pode-se ampliar a discussão proposta por McLuhan em que a mídia dominante em determinado momento histórico formata as maneiras pelas quais as pessoas percebem e compreendem o mundo ao redor. Atualmente, as novas mídias – como têm sido denominadas as tecnologias ligadas ao processamento, armazenamento e transmissão de informações digitalizadas, por meio dos computadores e suas redes de conexão – alteram as relações entre os jovens e as pessoas em geral, determinando comportamentos e novas formas de relacionamento, subsidiando discussões sobre efeitos positivos ou não. De qualquer forma, as sociedades contemporâneas experimentam rápidas mudanças associadas ao volume, acesso e rapidez na disseminação de informações, suportadas pelas diversas mídias empregadas e com impactos sociais antes não imaginados, como a deposição de regimes autoritários, dentre outros.

Para Bergson, deve-se ter claro que estas maneiras de pensar, falar, interagir e perceber o mundo são naturais no ser humano, uma vez que foi a própria forma que a natureza encontrou para preparar o homem para a vida social, em que a linguagem é necessária para o relacionamento social e a visão da estabilidade das coisas permite não somente a comunicação, mas também a ação sobre o mundo.

Mas não é somente formando-nos para a vida social, dando-nos as coordenadas para a organização da sociedade, tornando de tal maneira necessária a linguagem, que a natureza nos predestinou a ver, no movimento e na mudança, acidentes, a erigir a imutabilidade e a imobilidade em essências ou substâncias, em suportes. (BERGSON, 1984, p. 139).

Para compreender a base ontológica da relação entre mídia e sociedade, observa-se que a relação entre comunicação e sociabilidade passa pelo aspecto exterior e material da existência humana, ou seja, para comunicar-se o ser humano necessita expressar-se, isto é, tornar exterior aquilo que surge no interior. Essa exterioridade é material, logo, expressar-se é materializar um pensamento. Nesse sentido, a linguagem assume um papel de instrumentalidade que visa à comunicação social. Segundo Leopoldo e Silva (1994, p. 22), para Bergson a linguagem define-se pela instrumentalidade e a expressão é o que resulta da intersecção entre sociabilidade e comunicação; assim a função comunicativa é a única função da linguagem. "A construção da sociabilidade pressupõe, para Bergson, que os atos de significação ou designação se deem totalmente subordinados ao contexto de comunicação, pois só assim a linguagem servirá como instrumento de práxis social" (LEOPOLDO E SILVA, 1994, p. 24).

As mídias fazem parte cotidiana da vida social e cultural. Cada vez mais as sociedades dependem da capacidade dos indivíduos de produzir e consumir suas 'mídias', pois as pessoas apropriam-se das comunicações, em todos os seus aparatos, e desenvolvem formas diversas de trocar, interagir, partilhar e colaborar sempre na busca de melhor expressar seus pensamentos, angústias, necessidades e alegrias.

Considerações finais

Contraponto à ideia central da “teoria das materialidades da comunicação” de Gumbrecht, que a materialidade no processo de comunicação deve ser analisada a partir de si mesma, previamente à interpretação hermenêutica de seu sentido, este artigo propôs uma reflexão sobre a materialidade da comunicação e das mídias a partir do pensamento de McLuhan, destacando suas aproximações com o pensamento de Bergson. O pressuposto dos três autores é o mesmo: a materialidade é condição de efetivação da comunicação humana. Entretanto, Bergson e McLuhan concebem a matéria como extensão de algo, localizando-a dentro de um esquema maior de realidade e de significação. Para Bergson, a matéria é extensão do espírito e possibilita a exteriorização da intuição e sua consequente comunicação. Para McLuhan, a matéria é parte constituinte dos meios de comunicação, que se caracterizam como extensões do homem. E em ambos, o objetivo final é a ampliação da consciência humana rumo a uma consciência cósmica geral, ou seja, de volta ao espírito. Em todo caso, as condições históricas e culturais de cada sociedade definem as características concretas da materialidade presente no processo de comunicação, interferindo na visualidade e expressão do sentido completo da mensagem, em todas as suas dimensões, seja espiritual, cognitiva, interpretativa ou linguística.

Referências

BERGSON, H. **A evolução criadora**. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971.

BERGSON, H. **Cartas, conferências e outros escritos**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BERGSON, H. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BERGSON, H. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CALAZANS, F. **Midiologia**. Disponível em: <http://www.calazans.ppg.br/c_ci05.htm>. Acesso em: 3 fev. 2013.

CAVELL, R. **McLuhan in space: a cultural geography**. Toronto: University of Toronto Press Incorporated, 2003.

DELEUZE, G. **Le bergsonisme**. Paris: PUF, 1989.

FELINTO, E. Materialidades da comunicação: por um novo lugar da matéria na teoria da comunicação. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 1-16, 2001.

FINNEMANN, N. O. **Internet: A new communicative infrastructure**. Aarhus: Centre for Internet Research, 2001. Disponível em: <http://cfi.au.dk/fileadmin/www.cfi.au.dk/publikationer/cfis_skriftserie/002_finnemann.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2013.

FLAYHAN, D. Early medium theory, or, roots of technological determinism in North American communication theory. In: STRATE, L.; WACHTEL, E. (Eds.). **The legacy of McLuhan**. Cresskill: Hampton Press, 2005.

GUMBRECHT, H. U.; PFEIFFER, L. **Materialities of communication**. Redwood: Stanford University Press, 1994.

HANKE, M. Materialidade da comunicação: um conceito para a ciência da comunicação? **Contracampo**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 215-228, 2006.

HJARVARD, S. The mediatization of religion: Theorising religion, media and social change. **Culture and Religion**, v. 12, n. 2, p. 119-135, jun. 2011.

LEMOES, A. Você está aqui! Mídia locativa e teorias "materialidades da comunicação" e "ator rede". **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, ano 32, n. 54, p. 5-29, jul.-dez. 2010.

LEOPOLDO E SILVA, F. **Bergson: intuição e discurso filosófico**. São Paulo: Loyola, 1994.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2005.

PEREIRA DE SÁ, S. Explorações da noção de materialidade da comunicação. **Contracampo**, Rio de Janeiro, n. 10/11, p. 31-44, 2004.

SILVEIRA, F. O parque dos objetos mortos: por uma arqueologia da materialidade das mídias. **Ghrehb**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 82-104, 2003.

SHULZ, W. Reconstructing mediatization as an analytical concept. **European Journal of Communication**, n. 19, p. 87, 2004.

STEINMETZ, R.; NAHRSTEDT, K. Media coding and content processing. In: STEINMETZ, R.; NAHRSTEDT, K. **Multimedia fundamentals**, Upper Saddle River: Prentice Hall, 2002.

DADOS DOS AUTORES

Regina Rossetti

É filósofa, doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo com pós-doutoramento pela mesma instituição, docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, e professora na Universidade Paulista, líder do Grupo de Pesquisa Pensamento e criação na Comunicação. E-mail: rossetti@uscs.edu.br. Currículo Lattes; <http://lattes.cnpq.br/8926938260180321>

Elias Estevão Goulart

É engenheiro, doutor em Engenharia pela Universidade de São Paulo com pós-doutoramento pela University of British Columbia (Canadá), docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, líder do Grupo de Pesquisa Estudos das Tecnologias da Informação e Comunicação. E-mail: elias.goulart@uscs.edu.br. Currículo Lattes; <http://lattes.cnpq.br/8402902297628991>